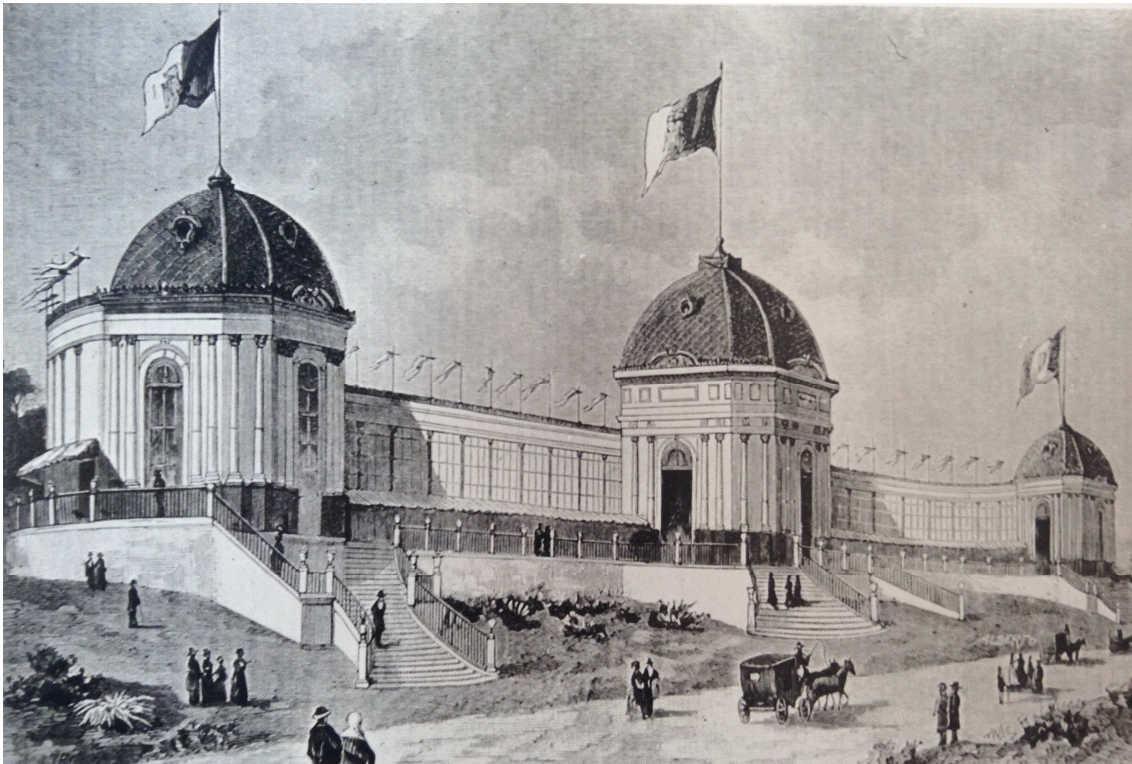


Tapada da Ajuda – O Palácio de Exposições

Autor – Professor Carlos Antero Ferreira

Editora - PassadoPresente, 1987



Domingo de Primavera entrada, a temperatura amena e o céu de azul com algumas nuvens em branco.

Branco, também, o vestido de seda enfeitado de veludo e rendas, e o chapéu florido de violetas, da rainha.

O sol das duas da tarde aquecia os verdes da grande Tapada da fundação brigantina de D. João IV, quando el-rei D. Luís e a rainha D. Maria Pia, el-rei D. Fernando, o príncipe real e os infantes D. Afonso e D. Augusto subiram a ala central de acesso ao palácio da Exposição, saudados com o hino nacional pelas bandas marciais de um regimento de infantaria e dos alunos do colégio de regentes agrícolas da Quinta Regional de Sintra.

Presentes, para receber suas majestades e altezas, membros da grande comissão executiva; o ministério presidido por Fontes Pereira de Melo, destacando-se os ministros António Augusto de Aguiar, das Obras Públicas, Comércio e Indústria – também presidente da Comissão Executiva da Exposição -, e Hintze Ribeiro, ministro da Fazenda; membros das câmaras dos

pares do reino e dos deputados da nação; corpo diplomático, altos funcionários civis e militares, escritores, jornalistas e muitas damas.

Domingo, 4 de Maio de 1884. Inaugurava-se na Tapada Real da Ajuda, com primaveril esplendor, a Exposição Agrícola de Lisboa.

Em baixo, no rio ainda largo e de boa pesca, o vaivém entrecruzado de caíques, lugres, fragatas e faluas, alguns catraios e muletas, e entrando ou zarpando pela barra difícil e hasteando bandeira portuguesa ou inglesa, iates, vapores, patachos e barcas, sulcando maciamente a água arrepiada pela brisa do nordeste.

A VIDA EM LISBOA

Primeiro domingo da feira das Amoreiras, a fé lisboeta percorria-o de cerimónias religiosas como a missa por instrumental na ermida do Resgate, aos Anjos, com que se iniciava pelas onze da manhã a festa da Maternidade de Nossa Senhora.

Pela tarde, concertos em vários passeios despertavam do letargo dominical a burguesia vestida a preceito.

Em S. Pedro de Alcântara, alcandorado sobre uma Avenida da Liberdade inaugurada simbolicamente em 1879, e já chegando à Praça da Alegria de Baixo, à Travessa das Vacas e à Rua do Salitre, e abrindo caminho na direcção da Rua do Vale Pereiro. Também no Largo de Belém e no Jardim da Estrela, encostado à basílica, sagrada havia quase um século, as bandas regimentais soltariam os seus acordes coloridos na quietação da tarde solarenga.

E mais pelo fim do dia, na velha praça do Campo de Sant'Ana, treze touros de Emílio Infante da Câmara seriam lidados na terceira corrida da época, na cidade.

Nessa noite de domingo festivo, os teatros lisboetas ofereciam récitas de variado gosto e substância. O Cardeal Richelieu apresentava-se no D. Maria II, inaugurado em 1846; A Filha do Inferno estanciava no Trindade; o Teatro do Príncipe Real fazia representar os Brios de Marinheiro, e A Mascote, ópera cómica francesa, enchia de sonoridades o Coliseu dos Recreios; As Circassianas alongavam-se por três actos no Chalet Dramático, enquanto O Infanticida, o Dr. Sovina e as Cenas Burguesas animavam o palco do Ginásio, onde na véspera fora homenageada Lucinda do Carmo. No género ligeiro, o Teatro Chalet dava a «última e definitiva» representação das Vistorias... do diabo! – o grande êxito, a revista do ano, de 1883.

A Exposição Agrícola, com as suas atracções em cada dia renovadas, e a baixo custo – 50 réis o preço do ingresso no vasto certame -, acrescentava de motivos, na imprensa, as ofertas mais convincentes!

Hotéis como o Central, o Francfort, o Itália, o Grande Hotel de Lisboa ou o Irmãos Unidos aliciavam clientes com tentadoras ofertas. O Novo Áurea, na Baixa, oferecia bom serviço diário a mil réis, preço ainda mais convidativo do que o dos jantares do Hotel Veneza, no Largo do Corpo Santo, servidos na modalidade de mesa redonda, entre as quatro e as sete da tarde, a

seiscentos réis, com um acréscimo de cem... quando proporcionados no ambiente mais íntimo de um «gabinete» privado.

Contra-pondo-se à carestia do custo de vida, a lotaria nacional sugestivamente revelava para a extração de 10 daquele mesmo mês de Maio de 1884, o «prémio maior» de 6000\$000 réis, e a Carris de Lisboa, que em 1873 inaugurara as carreiras de americanos entre o Rossio e Belém, vendia por 24\$000 um «bilhete válido e intransmissível» para o período de 1 de Maio a 31 de Dezembro – um custo mensal de 3\$000 réis!

Facilidades propiciatórias da visita de forasteiros à grande Exposição Agrícola eram concedidas pelos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, que ofereciam, no desconforto das carruagens de 2ª e 3ª classes, um tarifário a preços reduzidos em bilhetes de ida-e-volta, gesto cativante em que os acompanhava a Companhia Real dos Caminhos de Ferro, com o acordo dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.

Primavera de assinaláveis sucessos, em 1884: a Exposição Agrícola; a remodelação e a instalação do Museu Nacional de Belas-Artes, nas Janelas Verdes; as conferências científicas de José Júlio Rodrigues, no salão do Trindade; a exposição de produtos artísticos da sociedade Promotora; as inaugurações do primeiro funicular do Lavra, no 1º de Maio, e depois, a 28 do mesmo mês, do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa...

E ainda, e nas áreas sombreadas da Tapada joanina, a movimentada quermesse, organizada pela rainha D. Maria Pia de Saboya a favor da associação das creches, e que nos dias 17, 18 e 19 de Maio facultou à generosidade dos visitantes a contrapartida das diversões e das vendas, em numerosos pavilhões, chalés, quiosques e barracas; jogo de armas e assaltos, na sala de tiro, e oferecendo ainda o privilégio da audição do carrilhão da Real Fanfarra de Caneças, e a alegria das exibições ginásticas de elite, os concertos, os bailes, e uma vistosa subida de balão...

A EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA

A primeira Exposição Agrícola de Lisboa, presidida pelo então príncipe D. Pedro, foi em 1852 e em local aparentemente nunca vocacionado para acolher e mostrar os produtos e alfaías da terra – sob as arcadas do pombalino Terreiro do Paço. A segunda, em 1864, no Campo das Freiras, do arrabalde desafogado de Belém.

A terceira Exposição, inaugurada com as cores das festivas solenidades, naquele domingo de 4 de Maio de 1884, instalou-se, com o seu palácio aberto ao sul e ao espelho do rio, nas vertentes da Tapada Real da Ajuda, que quatro anos depois logo acolheria também a importante Exposição Industrial Portuguesa.

O jornal O Século de 6 de Maio de 1884 dá da abertura da Exposição Agrícola, em pequena local, notícia seca e rápida, para fazer-se arauto de seguida, nas «ocorrências diversas» da mesma edição, de clamorosa injustiça não confirmada - «Dizem-nos que foi despedido quase todo o pessoal que esteve trabalhando para a exposição agrícola, na tapada d’Ajuda, sem lhe pagarem a 2ª quinzena do mês de Abril, nem os dias decorridos depois dessa data. Esta

informação, a ser verdadeira, obriga-nos a perguntar a quem mandou trabalhar esses homens como hão-de eles viver sem receberem ao menos o seu diminutíssimo salário. Coisas...»

O Diário de Notícias de 4 e 5 de Maio acompanha, com correcta objectividade, em primeiras páginas densas de informação, o importante evento nacional.

O Comércio de Portugal, diário de página gigantesca, faz-se eco generoso da Exposição, prolongando por meses de edição uma informação detalhada e exaustiva, de que entretanto se constituíra vector oficioso a Revista da Exposição Agrícola de Lisboa, com nove desenvolvidos números colaborados por destacadas personalidades da época, o primeiro dos quais vindo a público logo a 4 de Maio.

Também O Ocidente, atento à Exposição, lhe dedicava algumas das suas páginas, legando-nos estimável iconografia em ilustrações de agradável recorte.

A ideia da Exposição Agrícola fora aprovada pela Junta Geral do Distrito de Lisboa a 26 de Maio de 1882, sob proposta de um dos seus membros, Batalha Reis.

A 3 Janeiro de 1883, em sessão solene presidida por D. Fernando, foram apresentadas as bases do programa e votados os órgãos responsáveis pelo certame.



O PROJECTO DO PALÁCIO

A Exposição deveria abrir a 20 de Maio de 1883. Assim não aconteceu. Os dois adiamentos ocorridos, transferindo a inauguração, primeiro para 2 de Setembro de 1883, e depois para Maio do ano seguinte, deveram-se a circunstâncias e razões diversas, mas sempre entre elas avultou o «atraso em que se achava o edifício principal» - o palácio -, para além do que «o desenvolvimento dado ao pensamento primitivo não cabia já na estreiteza do tempo», como

se escreveu em Relatório de 30 de Julho de 1883, transcrito no primeiro número da Revista da Exposição Agrícola de Lisboa.

Da autoria do palácio nada nos revelam, nem as poucas linhas que O Século dedicou ao acontecimento, nem as colunas mais alargadas que se escreveram no Diário de Notícias. Só o Comércio de Portugal, na edição já de 24 de Maio, sob a assídua epígrafe de «Boletim da Exposição», a descortina, mencionando a Rafael Silva Castro, «architecto distinto, que em 21 de Julho de 1883 tomou o encargo de dirigir a construção do palácio da Exposição (...) seguindo sempre, sem lhe fazer a menor alteração, o risco do architecto sr. Avila, que fora aprovado pelo governo», nos finais de Janeiro de 1883.

A esta menção da autoria do projecto do palácio, que nem pecando por extrema sobriedade e tradicional laconismo deixa de honrar o Comércio de Portugal, acrescenta a Revista da Exposição, no seu segundo número, de 22 de Maio, um fac-símile do que denomina «projecto do palácio», documento que por nada poderá atribuir-se a Pedro de Ávila, tal é a imperfeição do risco, e tão incorrecta e desajustada dos cânones a bivalente e híbrida representação da principal fachada do edifício, ora ortográfica, ora perspéctica...

Mas a Revista da Exposição, que anteriormente registara a «obrigação (...) de consignar, também com louvor, o nome do artista», igualmente honra a formação e o prestígio que Pedro de Ávila já alcançara naquela época, enunciando parte das suas qualificações académicas e dos seus títulos honoríficos, isto num tempo histórico português em que não havia sido sequer criado na função pública e junto do Ministério das Obras Públicas, o quadro nacional de sete architectos, corpo auxiliar que viria a ser constituído somente em Julho de 1886, pelo ministro Emygdio Navarro. Desse quadro fará parte, a partir de Novembro daquele ano, o próprio Pedro de Ávila, na categoria de architecto de 3ª classe... Seria ele, assim, um dos sete temerários que defrontariam, no importante ministério, uma permanente guerra de competências com um corpo de 130 engenheiros, 130 condutores e 60 desenhadores!

A COMPOSIÇÃO ARQUITECTÓNICA

O palácio ou pavilhão - «indubitavelmente elegante», como o qualificou Jorge de Mello no nº 1 da Revista da Exposição – identifica-se pela sua presença envolvente, disciplinada na organização do espaço de exposição e ordenada volumetricamente a partir de um eixo que comporta o torreão ou pavilhão central, e do qual divergem duas alas laterais, a nascente e a poente, ambas igualmente rematadas por pavilhões menores, de planta octogonal, cobertos como o central por domos que exponenciam o ritmo da composição.

A fachada norte estabelece, pela sua intransigente opacidade, um notável contraste contrapontístico com o dominante «pano» de vidro da fachada sul, que prolonga por transparência o espaço interior, assim virtualmente alongado até à balaustrada que delimita o terraço fronteiro, este abraçando, num percurso contínuo, toda a frontaria do edifício, e que, em 1884, se cobria por vistoso toldo sombreiro, sustentado por turcos de ferro.

Estamos em presença de uma composição espacial dominada por um princípio de simetria que se gera no ordenamento planimétrico e se dilata na volumetria, estimulando uma leitura

harmónica da envolvente construída, toda ela respeitando o ritmo estabelecido pela repetição dos eixos-estruturais.

A discreta curvatura, que nas alas laterais arranca logo do corpo central, promove o percurso do espaço interior, totalmente liberto de apoios estruturais, reduzidos às suas presenças em fachadas – pilares intercalando envidraçados na fachada sul, e pilares nichados na alvenaria de enchimento da parede contínua a norte. Um percurso que se reanima e redescobre à medida que se consome, porque alimenta em si mesmo a apreensão dos limites do espaço percorrido.

Um inteiro corpo arquitectónico construtivamente materializado por uma estrutura que em 1884 saiu das bancadas da «Empreza Industrial Portuguesa», fundada dois anos antes, sucessora das antigas Oficinas de Santo Amaro e detentora de um importante curriculum na área da metalurgia do ferro e na construção de estruturas metálicas de pontes, estufas, mercados cobertos e pavilhões. A mesma empresa que mais tarde viria a constituir-se opositora no processo de registo de patente, que o grande construtor, belga de nascimento, François Hennebique, apresentara em Portugal para o seu sistema de execução de pavimentos em formigão armado, no ano de 1895...

ECLECTISMO ROMÂNTICO

O projecto que Pedro de Ávila concebeu para o palácio da Exposição Agrícola de Lisboa – selecionado entre três que apresentou e o do arquitecto Rafael da Silva Castro, os únicos submetidos ao concurso aberto pelo Ministério das Obras Públicas – testemunha um eclectismo romântico, que a memória de imagens revisitadas introduz e explica.

Aproveita de experiências anteriores o frescor que a arquitectura do ferro introduzira pela vertente da tecnologia construtiva, opondo-lhe a volumetria dos pavilhões central e laterais, intervenientes na composição como cubelos rematando a transparência da cortina vítrea da fachada sul, que o jogo mutável das sombras e dos reflexos ainda valoriza.

O esquema de composição de Ávila para este «palácio» é idêntico, na sua expressão de fachada, entre outros, ao do projecto do inglês Thomas Dillen Jones para o Palácio de Cristal do Porto, cuja construção se iniciara em 1861, precisamente uma década depois da demonstração que, com inesperado êxito e incedível fascínio, Joseph Paxton – o mesmo que já antes construía para o duque de Devonshire as grandes estufas de Great Stove, em Chatsworth – fizera das potencialidades do ferro e do vidro, no seu Crystal Palace da Exposição Universal de Londres.

No Palácio de Cristal português, a fachada principal desdobrava-se, simétrica, para um e outro lado do elemento central, que anunciava a grande ala de exposição, fechando-se as alas laterais, nos topos, por corpos apelando a uma memória também de torreões angulares, salientes, como o corpo central, do plano de referência da fachada, e rematados nos cunhais por torretas ainda acentuando o efeito de fecho da composição.

ARQUITECTURA DO FERRO

A arquitectura de edifícios e equipamentos urbanos, que tenha buscado suporte construtivo e expressividade plástica no ferro fundido e no ferro, não tem em Lisboa representantes em número avultado, se bem que alguns preencham com dignidade os requisitos que lhes outorgam direito a figurar numa cronologia própria e de referência.

A engenharia de pontes e viadutos enriquece entretanto a historiografia portuguesa da construção metálica, prestigiada logo ao início pela ponte D. Maria, no Porto, concebida por Gustave Eiffel em 1876 – o mesmo ano em que o engenheiro Miguel Pais lançou a ideia da ponte sobre o Tejo em Lisboa, entre o Grilo e o Montijo, e em Paris se inaugurava o Grand Magasin au Bon Marché, de Boileau e Eiffel, com a sua criativa fluidez espacial, estruturada em elementos de suporte metálicos, e a sua grande clarabóia de coroamento.

Poucos anos depois, em 1880, inicia-se também sobre o Douro, no Porto, a construção da ponte metálica de D. Luís, dos franceses Bartissol e Seyring, que se concluirá em 1886.

Em Lisboa, são testemunhos de um inventário não exaustivo da arquitectura do ferro, o mercado construído na Praça da Figueira, entre 1882 e 1885; a grande sala do novo Coliseu dos Recreios, em 1890 – quando nos então baldios do Campo Pequeno se construía a Praça de Touros, com suas cúpulas e arcarias neo-árabes e esse hábil aparelho de tijolo cerâmico aparente; as naves de embarque das estações centrais de caminhos de ferro de Santa Apolónia, em 1865, e do Rossio, em 1891, o mesmo ano da edificação dos armazéns «Grandela», de importante estrutura metálica; datada de 1897, a vasta e esbelta «Sala Portugal» da Sociedade de Geografia; o ascensor da Rua do Ouro ao Carmo, de 1902, projectado por Raul Mesnier de Ponsard, natural do Porto, nascido em 1850 e que fora um dos autores do primeiro funicular automotor do Lavra, inaugurado em 1884, e o palácio de exposições da Tapada Real da Ajuda, sob projecto do arquitecto Luiz Caetano Pedro de Ávila, nascido cerca 1840 nos territórios portugueses da Índia.

PERFIL E OBRA DE PEDRO DE ÁVILA

Pedro de Ávila, que viria a falecer em Lisboa no ano 1904, obtivera em Goa o diploma de engenheiro militar, licenciara-se mais tarde pela Escola Politécnica da capital, frequentando depois estudos de arquitectura na Escola Imperial de Belas-Artes de Paris, onde foi discípulo de Pascal e André, e colaborou com alguns notáveis arquitectos franceses, nomeadamente com Charles Garnier, autor do projecto da Opéra parisiense.

Quando, naquele soalheiro domingo de 4 de Maio de 1884, se inaugurava a Exposição Agrícola de Lisboa – de que o «palácio» foi instalação nuclear -, Pedro de Ávila fora já distinguido com os títulos de arquitecto honorário de Sua Majestade El-Rei, em 1870; académico de mérito da Academia Real de Belas-Artes de Lisboa, em 1869; conselheiro honorário da Sociedade dos Arquitectos do Norte de França, em 1873, e, ainda, de membro correspondente da Sociedade Central dos Arquitectos Franceses de Paris, em 1868, e da Sociedade Arqueológica de Paris, no mesmo ano.

Fora entretanto agraciado, pelo seu projecto para a Câmara Municipal de Lisboa, com o hábito de Cristo, em 1867; com a comenda de Isabel a Católica, em 1870, pelos seus trabalhos a Exposição Internacional de Madrid, e, em 1879, com as comendas de Cristo e da Ordem da Coroa de Itália.

Àquela mesma data de 1884 havia já elaborado, entre outros, para além do projecto de 1882 para o palácio da Exposição Agrícola, os projectos para a adaptação do Convento do Rato a asilo de Nossa Senhora da Conceição, entre 1880 e 1883; para os palacetes do duque de Loulé, em Cascais, e do conde de Nova Goa, ambos de 1872; para o palacete de Xavier da Silva, no Lumiar, de 1873, ano de que é igualmente o projecto da grande propriedade Bonacho, na Golegã, e, em 1874, três palácios e o chalet do comendador Dantas, no Porto.

Depois de 1884, ano em que projectou também a Escola Industrial Marquês de Pombal, em Lisboa – que com as de Caldas da Rainha, Covilhã, Porto e Guimarães fora criada por António Augusto de Aguiar dando execução a decreto de vinte anos antes –, Pedro de Ávila elabora novos projectos e é alvo de novas dignidades. E em 1888 vemo-lo a participar, com trabalhos seus de arquitectura, na Exposição Industrial Portuguesa e na Exposição Nacional de Indústrias Fabris, obtendo nesta, com o projecto para o Instituto Industrial de Lisboa, uma relevante Medalha de Prata.

Nos anos de 1889, 1897, 1900 e 1904, Luiz Caetano Pedro de Ávila, representando o Governo Português, participou – sempre na qualidade de vice-presidente de honra – nos congressos internacionais de arquitectura, o primeiro dos quais tivera lugar em Paris, em 1867, por iniciativa da Sociedade Central dos Arquitectos Franceses.

No primeiro daqueles anos, 1889, Pedro de Ávila havia sido distinguido com as palmas de oficial da Academia de França e eleito membro correspondente da Sociedade Académica de Arquitectura de Lyon. E em 1898, a cinco anos da sua morte, Ávila é agraciado com o grau de oficial da Instrução Pública de França (palmas de ouro), sob proposta do seu antigo patrono de estudos, Charles Garnier, então membro do Conselho Superior.

Projectara, ainda, a Escola Industrial Afonso Domingues, palacetes, igrejas, cottages, e dirigira, sob risco seu, as obras do chalet da rainha D. Maria Pia, no Estoril.

Mais de um século passado sobre a histórica construção da ponte metálica de Coalbrookdale, em Inglaterra, que Abraham Darby II lançara entre 1775 e 1779, com um vão único de trinta metros sobre as águas do Severn; trinta anos decorridos sobre o início das Grandes Halles, ou Halles Centrales parisienses, de Baltard e Callet; e no mesmo ano em que Gustave Eiffel concluía sobre o Thuyère o imenso viaduto de Garabit, o palácio de Pedro de Ávila insere-se jovialmente e com discreta elegância no quadro da arquitectura do ferro em Portugal.

O «palácio» ou pavilhão da Tapada da Ajuda não estadeia gigantismo, aqui fora de propósito, nem se expõe a inútil confronto com os feitos tecnológicos das grandes dimensões gerais e dos grandes vãos livres, de muitas das obras de arquitectura e engenharia metálicas, erguidas na segunda metade do século XIX, o das memoráveis naves das exposições internacionais, das novas e arrojadas gares terminais dos caminhos de ferro europeus, das luminosas e

inteligentes galerias comerciais cobertas, das vistosas estufas dos jardins de aclimação, das imponentes salas de leitura das bibliotecas públicas.

Rosendo Carvalheira, outro notável arquitecto português, contemporâneo de Pedro de Ávila, disse, na ocasião da sua morte, no primeiro volume do Anuário da Sociedade dos Arquitectos Portugueses, de 1905 - «Entre os que fizeram da sua profissão um motivo de próprio desvanecimento, buscando insistentemente que ela fosse devidamente apreciada no meio da evolução científica e artística da época, Luiz Caetano Pedro d'Ávila (...) artista de valor, moderno nos processos e laborioso (...) arquitecto que tanto se esforçou por valorizar a sua profissão dentro e fora do país (...) ocupa um proeminente lugar.»

O pavilhão que Pedro de Ávila projectou enquadra-se correctamente na escala de presença da Tapada, abrindo o seu sorriso feito de harmonias e contrastes, de transparências e reflexos, ao espelho do rio da cidade.

As pequenas cúpulas dos seus torreões brilham de novo ao Sol de Lisboa, e a sua silhueta, discreta e distinta, recorta-se entre os matizes do arvoredado que o abraça ainda, protector e repousante. Desaparecidos os frescos que Cotrim pintou nos tectos dos torreões, foram recuperados e reconstruídos os ornamentos de platibandas, frontões e coroamentos, originalmente executados em Paris, sob desenho de Ávila.

Revitalizado está hoje o espaço do pavilhão pela iniciativa da reabilitação do edifício. Uma iniciativa que é acto de cultura e testemunho de efectivo reconhecimento dos diferentes valores que o património arquitectónico reveste. E enquanto iniciativa e realidade, também um novo motivo para a esperança de que, ao extenso e diversificado aluvião dos descasos e dos desmandos que por séculos e até hoje vêm alimentando o historial de ruína da herança cultural arquitectónica portuguesa, se substitua, por autêntico respeito do passado, por lúcido pensamento, por cartesiano bom-senso, e pela necessária adequação dos meios, uma crescente continuidade de acções de protecção, de conservação e de recuperação dos bens que integram o nosso estimável, e importante, e insubstituível legado cultural arquitectónico.